

Médio Oriente

Responsabilidades americanas e o conceito de *Nation-Building*

Tiago Marques

"*Nation-Building*, a inevitável responsabilidade da única superpotência mundial", é o título de um extenso artigo escrito por James Dobbins, director do *International Security and Defense Policy Center* da *RAND Corporation*, e publicado na última edição da *RAND Review*. O autor faz um interessante exercício comparativo entre os vários projectos norte-americanos relacionados com o lato conceito de *Nation-Building* desde o fim da Segunda Guerra Mundial até aos dias de hoje. Alemanha, Japão, Somália, Haiti, Bósnia e Kosovo são os casos analisados que servem de enquadramento para a actual situação no Afeganistão, e sobretudo para aquela que se vive hoje no Iraque.

James Dobbins, co-autor de *America's Role in Nation-Building: From Germany to Iraq*, obra recentemente publicada pela RAND, é um acérrimo defensor da intervenção norte-americana no Iraque e do seu papel na reconstrução política, económica e social do país. Antigo enviado especial da administração Clinton para a Somália, Haiti, Bósnia e Kosovo, e primeiro enviado especial para o Afeganistão já na era Bush Jr., Dobbins não admite a possibilidade de uma retirada a curto e médio prazo do Iraque por parte dos Estados Unidos, antes do total restabelecimento da ordem democrática em Bagdad e no resto do território. Uma tarefa delicada mas perfeitamente realizável, no entender do perito norte-americano.

Tendo como pano de fundo os sucessos alcançados em Berlim e Tóquio há pouco mais de 50 anos – os quais teme que jamais se repitam –, Dobbins e a sua equipa destacam o facto de que os êxitos das intervenções norte-americanas na Alemanha e no Japão, e as semi-vitórias alcançadas na Bósnia e no Kosovo foram resultado do profundo empenho dos Estados Unidos e da comunidade internacional na transformação e respectiva consolidação democrática dos regimes em causa.

Ora, como o autor refere, o processo de *Nation-Building* exige não só o emprego de vastos recursos humanos e económicos, como implica também um compromisso temporal de longa duração. Tendo como termo de comparação casos de sucesso no passado (mormente as intervenções na Alemanha e Japão no pós-Guerra), Dobbins aponta um

período mínimo de 7 anos para que um projecto de *Nation-Building* possa ter êxito: "uma intervenção prolongada não é um garante de sucesso, mas uma saída precipitada conduzirá certamente ao fracasso".

A Solução Multilateral As posições das administrações Clinton e Bush Jr. no que diz respeito ao conceito de *Nation-Building* têm sido fundamentalmente ambíguas. Na última década, foi dada prioridade ao reforço das capacidades militares, através de um investimento directo em equipamento de guerra em detrimento da vertente civil. Consequentemente, as agências e instituições norte-americanas que lidam directamente com a reconstrução e estabilização no pós-guerra foram repetidamente negligenciadas e esvaziadas de poder. Não surpreenderá então que James Dobbins afirme peremptoriamente que " quer o Departamento de Estado quer o da Defesa [Pentágono] não consideram a missão de *Nation-Building* como uma prioridade per se", acrescentando ainda que as várias administrações norte-americanas têm encarado cada nova missão como sendo a primeira, ou de uma maneira mais trágica, a última.

Quererá isto dizer que a via do multilateralismo construtivo está definitivamente posta de parte? Dobbins e a sua equipa de investigadores apontam para o caso particular do Kosovo, onde a combinação entre liderança norte-americana, participação de forças europeias, partilha do fardo económico e unidade de comando permitiu à comunidade internacional clamar vitória em Pristina. Tendo norte-americanos e Europeus desígnios comuns, baseados numa postura de diálogo e cooperação, foi possível coordenar instituições fundamentais como a NATO, OSCE, e mais tarde a própria ONU numa operação conjunta cujo objectivo era exactamente o de facilitar a introdução do conceito de *Nation-Building*, o que foi parcialmente conseguido.

Apesar do seu cariz marcadamente intervencionista, James Dobbins não renega a importância fulcral da cooperação multilateral como via de sucesso para presentes (Afeganistão e Iraque) e futuras operações de *Nation-Building*, sem perder de vista a necessidade de estabelecer relações profícuas com as nações e povos vizinhos do(s) país(es) que sofreram uma intervenção (no caso do Iraque, ver Síria, Turquia e Irão). A verdadeira lição a tirar, para Dobbins, é a de que em qualquer processo de estabilização e reconstrução pós-guerra não basta o compromisso militar para o derrube do regime em causa. A intervenção tem que ser sustentada a longo prazo e permitir uma efectiva transformação política, social e económica da nação em causa sem fazer perigar a sua futura independência de facto.

